

CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO: O SUJEITO E AS PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA (RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA) ¹

Silvano Fidelis de Lira – Graduando em História/UEPB – Campus I

silvanohistoria@hotmail.com

Prof^ª. Dr^ª. Auricélia Lopes Pereira – Professora do Departamento de História/UEPB –

Campus I

auricelialpereira@yahoo.com.br

RESUMO:

Quais os riscos a que a juventude está exposta? Será que a escola está preparada para lidar com determinadas situações que invadem seu cotidiano e perpassam as fendas de sua existência? Estas questões fazem parte do cotidiano de todos que se preocupam com a educação e seus rumos, de acordo com Schilling (2004), os fenômenos de violência, intolerância e insegurança na escola deixam de serem invisíveis e tornam-se tipos de vitimização visíveis em todas as suas modalidades. Este projeto faz parte do programa de extensão implantado na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora na cidade de Seridó, em que se busca trazer para o centro das discussões temas como a violência, intolerância às escolhas sexuais, bullying, timidez, preconceito, etc. Para nossas atividades buscamos respaldo nas mais variadas linguagens, sobretudo, na leitura de textos que contribuam para a ampliação do arquivo ético de cada um, leituras que podem ser utilizadas como ferramentas para nossas reflexões, buscando dessa maneira alargar o leque de discursos, favorecendo a variedade de elementos de composição do sujeito. Partimos da idéia de que o sujeito é uma intertextualidade, produto do que ouve, do que lê e do que assiste. Buscamos realizar as atividades como; palestras, exibição de filmes, documentários, atividades realizadas em grupo e que objetivam a minimização da violência no ambiente escolar, e a construção de uma consciência ética de tolerância frente às diferenças encontradas na vida do sujeito.

Palavras chaves: Governo de si. Adolescência. Violência.

1. Este texto busca propor uma reflexão acerca do subprojeto “*Adolescência: caminhos de construção e desconstrução*” parte do Programa de Extensão “*Subjetividade, adolescência e ética*”, coordenado pela professora Dr^ª. Auricélia Lopes Pereira do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Todos os conceitos e discussões apresentadas no mesmo compõem o projeto elaborado pela professora coordenadora e que se encontra cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

O texto que segue buscará fazer referências as atividades desenvolvidas através do programa de extensão, “*adolescência, subjetividade e ética*” desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora, localizada na cidade de Seridó – PB. Para a operacionalização do projeto contamos com o apoio financeiro e institucional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) através de sua Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC).

Muitas são as discussões acadêmicas a cerca dos perigos das mais diversas formas de violência em que a criança e o adolescente podem vivenciar na escola e que, produzem marcas negativas em suas vidas. A escola é o ambiente onde há a maior diversidade de encontros e desencontros, espaço físico e cultural onde os sujeitos dialogam, aprendem e produzem conhecimento. Na escola não há lugar para o unitarismo, a pluralidade é a parte fundamental da educação contemporânea, muitas vezes gerando conflitos, embates entre os diferentes.

Que resposta a Universidade vem dando na tentativa de combater essas manifestações de violência e intolerância que fazem parte do cotidiano escolar? Qual o seu papel diante de um problema que abrange grande parte de nossa sociedade? São perguntas como essas que norteiam a nossa proposta de atividade extencionista, e, partindo delas buscamos refletir e por em prática ações que venham a contribuir com os adolescentes na tentativa de suprir suas necessidades subjetivas e éticas. Trilhando esse caminho procuramos trabalhar com temas que venham proporcionar discussões sobre os elementos de composição do sujeito e sua relação com a sociedade moderna, discussões que na sua maioria das vezes não são contempladas pelo currículo oficial, nesse sentido as atividades de nosso projeto visam proporcionar uma reflexão em torno dos caminhos oferecidos pela vida que podem ser caminhos que levem a construção e a desconstrução do sujeito.

Não pensamos o sujeito como algo pronto, acabado, o sujeito é aqui compreendido como uma intertextualidade, produto do que ouve, do que lê, do que assiste fruto dos encontros em sua vida. Nesse sentido levamos aos jovens participantes do projeto uma oportunidade de leitura, de criação de textos, fazendo com que eles escrevam suas histórias, suas subjetividades.

O sujeito é um produto daquilo que lhe afeta, daquilo que ele recebe e que produz algum efeito, não podemos pensar que o jovem de hoje é um dado pronto, que nasceu assim e está “condenado” a permanecer o mesmo. Ele é contexto. Ele é produto de discursos e práticas. Em um texto sobre as considerações que o filósofo francês, Gilles Deleuze faz sobre

a subjetivação do sujeito Marcus Doel, diz que; “o sujeito é contexto no qual ele é produzido: uma-obra-em-processo.” (2001. p, 83).

Entendendo, pois, que os discursos enunciados têm a capacidade de produzir no sujeito efeitos de realidade e de verdade, assim a formação do sujeito passa a ser um processo de subjetivação, em que há um agenciamento do dito, do lido, ouvido e visto, e, por conseguinte faz deles linhas de força na composição. O nosso projeto busca fazer com os encontros não sejam meras reuniões em que se discutam um determinado tema, trabalhamos então com o conceito de experiência trabalhado por Michel Foucault, a experiência na perspectiva foucaultiana remete à transformação do sujeito, portando, buscamos proporcionar aos jovens envolvidos na proposta encontros que os transformem, modifiquem e que mostre novas possibilidades de existência. “Uma experiência é alguma coisa da qual se sai transformado.” (FOUCAULT, apud, CARVALHO. 2011. p, 15).

A Universidade na já não pode mais se colocar isenta da responsabilidade do fazer operar no campo social, entrando em sintonia com a realidade social dos jovens, sobretudo daqueles que se encontram nas “zonas de perigo”, zonas, não só entendidas numa perspectiva sociológica, mas no âmbito pessoal, subjetivo, tendo em vista que o sujeito também está situado em um terreno erodido, sedimentado.

Pensar em caminhos que constroem e desconstroem o sujeito é antes de tudo proporcionar aos jovens uma atividade reflexiva, levando o individuo a perceber que propostas a vida lhe oferece, e quais delas podem ser vivenciadas de forma plena, tendo em vista que o jovem é a todo o momento alvo de múltiplas possibilidades de ser. Neste sentido estamos pensando a vida não como uma possibilidade, mas uma realidade que se entrecruza em meio às incertezas da vida. Ainda é preciso destacar que nosso projeto está preocupado em mostrar as possibilidades a serem seguidas, destacando quais veem a contribuir para a auto realização do individuo.

Não se trata, apenas de escrever artigos, livros, cartilhas com o intuito de prestar contas das atividades dos pesquisadores, nossa proposta é antes de tudo operar através de ações concretas, agindo nos micro espaços e ir cotidianamente transformando a realidade da juventude, através de aulas, palestras, caminhas filosóficas, exibição de filmes, etc. contribuindo para a minimização da violência e dos caminhos que só contribuem para a desconstrução do sujeito. Não basta produzir textos para um banco de dados, é preciso construir caminhos para enfrentar os problemas tão presentes no cotidiano da juventude, a exemplo disso buscamos trabalhar em torno de questões como bullying, violência, formas de preconceitos e as mais variadas formas de intolerância, neste sentido buscamos construir junto

com os jovens novos caminhos alternativos, que possibilitem uma nova construção da realidade, caminhos que sirvam de uma segunda via e possam a medida do tempo produzir uma nova ética, caminhos construídos por eles mesmos, a partir de suas subjetividades e de suas escolhas diante dos caminhos da juventude.

As atividades de nosso projeto de extensão partem do pressuposto de que o sujeito é desprovido de essência, ele é uma constante modificação de si, fruto de encontros, de escolhas, portanto priorizamos o trabalho com aquilo que produza bons encontros, modificando-o de forma intrínseca. Para tanto estamos trabalhando com o conceito de *afecção* (Gilles Deleuze, 1978) - conceito que será melhor esclarecido no decorrer de nosso texto - e com a elaboração de um *governo de si* (Michel Foucault, 1984), termo que esta intimamente associado aos caminhos que o sujeito constrói para si mesmo e a partir disso (re) elabora os caminhos de sua vida.

A proposta de trabalhar com jovens e as suas posições diante da vida tem se configurado numa das mais ousadas atitudes da sociedade contemporânea, ou seja, é em momentos remar contra a corrente, lutar contra inúmeros dispositivos de maior alcance do que as políticas educativas, a exemplo disso percebemos a influência da TV e da internet, isso não pode ser visto como uma barreira intransponível, deve ser visto como um obstáculo que pode ser vencido de acordo com as nossas vontades, o nosso compromisso com a sociedade. Pensar os caminhos de construção e desconstrução da juventude é uma ousadia diante das prerrogativas da sociedade moderna, muitas vezes despreocupada com os caminhos assumidos pelos jovens.

Nossas atividades se inserem no contexto de realizar atividades nos micro territórios, proporcionando ao jovem uma tomada de posição crítica diante os paradigmas de sua existência. Muito mais do que procurar alternativas para a construção do sujeito, a preocupação que ora se coloca diante de nós é defender a vida em sua totalidade, desde seu momento primeiro. As lutas tornam-se atitudes diante da vida. Em sua terceira fase, conhecida como ética, Michel Foucault irá privilegiar em seus estudos a vida enquanto obra de arte. Em *A vontade de saber*, Foucault (1985) diz;

Desde o século passado, as grandes lutas que põem em questão o sistema geral de poder já não se fazem em nome de um retorno de antigos direitos [...] o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como uma das necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importante que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito que se tornou o objeto das lutas políticas, [...]

A vida constitui-se como o bem maior na vida do homem, portanto deve ser vivida em sua plenitude. Diante dessa questão as atividades de nosso projeto visam levar para o cotidiano da escola – tendo em vista que o trabalho é desenvolvido com alunos da escola pública – temas que proporcionem uma auto reflexão, uma auto avaliação das atitudes tomadas e as posições diante da vida. Os caminhos que se abrem para a juventude são múltiplos, não estamos diante de uma dualidade, mas, de uma multiplicidade de caminhos e perspectivas, onde o jovem de todas as formas é atraído pelos charmes, da vida, charmes que se configuram nas drogas, na ausência de valores éticos, etc.

Entendemos o jovem é passível de transformação, sua vida e seus valores são uma formação constante, portanto, buscar modificá-la, alterá-la implica em proporcionar a discussão e a confrontação com novos valores que venham a contribuir positivamente para o seu formar-se. Objetivamos então, proporcionar um suporte para essa formação, esse constitui o mais importante objetivo de nosso projeto, assim, queremos proporcionar aos jovens atendidos discussões que venham de encontro a suas mais variadas realidades, as discussões centram-se em torno do cotidiano, não buscamos realizar debates distante da sua realidade, antes de discutir qualquer coisa priorizamos o diálogo, visando saber quais temas, assuntos eles necessitam conhecer.

Se conhecer sobre os paradigmas da vida é importante, buscamos realizar atividades que objetivem discutir sobre o plural, a multiplicidade da vida, por isso utilizamos o termo, caminho (s), levando-os a refletir sobre as possibilidades do fazer-se em nossa sociedade. Se o ser humano é uma produção, uma recriação, buscamos aqui possibilitar a vivência e a discussão de caminhos que venham a proporcionar a construção do sujeito, possibilitando-o uma auto realização e uma nova forma de vivência de acordo como os valores éticos que contribuem para uma melhor vivência no meio social em que estão inseridos.

Quando se realiza uma atividade educativa com os jovens seria mais coerente utilizar o termo no plural, então em nossas atividades realizamos metodologia (s). Práticas que nos auxiliam a criar uma nova possibilidade de se pensar o sujeito.

No que se refere às atividades práticas de nosso projeto, discutiremos adiante as formas como toda a teoria torna-se prática. O nosso projeto realiza encontros semanais com os jovens atendidos, encontros que acontecem nas segundas – feiras, onde são realizadas aulas expositivas e dialógicas, de forma que proporcionem o diálogo entre os jovens atendidos e os extensionistas e a coordenadora do projeto, durante as aulas são realizados, debates, círculos de discussão entre outras atividades, o primeiro momento é sempre uma atividade reflexiva sobre a vida, sobre aquilo que a existência nos proporciona, a simplicidade da natureza, o ar

que se respira, o abraço amigo, o som da voz da pessoa ao lado, coisas que nossa sociedade capitalista e competitiva ignora na maioria das vezes, sociedade em que o tempo torna-se líquido, fácil de esvair-se.

Previamente são selecionadas leituras que venham a fazer parte da atividade do dia, textos que são lidos, relidos e avaliados quanto a sua contextualização com a realidade e sua pertinência. Esses textos são na grande maioria das vezes transformados em slides, e projetados em data show, parece uma coisa simples, para nós que estamos acostumados com a utilização de recursos tecnológicos das Universidades, porém, para jovens da comunidade carente assume toda uma importância, eles se sentem valorizados, por saberem que um conteúdo foi detalhadamente preparado para eles.

A metodologia da aula envolve os múltiplos saberes, os jovens não são vistos como meros aprendizes, são vistos como importantes agentes da construção do saber, a eles é dado o poder da fala, uma forma de trocar experiências, de expor aquilo que desejam ou sentem. Ao falar de determinado tema buscamos fazer uma junção daquilo que é falado, discutido com a realidade de vida de cada um dos jovens, o círculo de palavras se abre, quebra-se a barreira e constrói-se um espaço de diálogo na sala, onde a realidade ganha voz, e a vivência de valores éticos são estimuladas.

Durante as atividades do projeto buscamos ressaltar constantemente que a realização humana é fruto de escolhas feitas, que a felicidade, a realização pessoal não se constitui a partir de uma decisão momentânea e repentina, ao contrário ela parte de uma atitude diante da vida, de uma construção diária, a felicidade só se realiza ou torna-se possível a partir do momento em que se decide acreditar em si mesmo, construir diante de si um objetivo que será trabalhado durante o tempo. O sonho não surge do imediatismo, ele vai se formando dentro de cada um, ele é nutrido, alimentado pela vontade de sonhar, e vai a cada momento crescendo e tornando-se real. A partir dessa reflexão uma atividade foi desenvolvida no decorrer das atividades do projeto, ele foi chamado de “*Mural dos Sonhos*”, mas o que vem a ser um mural dos sonhos?

Durante dias a reflexão em torno do sonho na vida humana foi realizada, mostrando que ele se constitui em uma construção do sujeito, e que precisa ser vivenciado, os alunos foram convidados a escreverem em uma folha especial aquilo que eles sonham, aquilo que eles querem construir, para isso foi dado o espaço de uma semana, depois foi preparado pelos extensionistas um mural, para que os sonhos escritos em folhas fossem afixados.

O mural não é mais uma atividade, ele tem a sua particularidade, ao mesmo tempo em que ele estimula o jovem a ter sonhos, ele propõe uma nova questão; construir sonhos, não

entendendo-o mais como algo pronto, sem mudanças, o sonho é portanto um fazer-se durante a vida do sujeito.

O mural não é esquecido na parede da sala de aula, ele é retomado como um caminho de construção do sujeito, ali ele depositou aquilo mais subjetivo, os seus sonhos, portanto sempre nos voltamos a ele, estimulando-os a alimentar os sonhos, de forma a criarem toda uma nova relação com aquilo que desejam se constituir. Sonhos são escolhas, é mais um caminho aberto na vida de cada um, portanto é mais um campo que projeto penetra.

Além das atividades semanais da segunda feira, são realizados também encontros quinzenais, estes acontecem aos sábados, e se configuram com uma nova dinâmica, ou seja, a nossa metodologia muda.

Durante os encontros realizados aos sábados buscamos realizar atividades que tenham uma duração maior e por isso tornam-se enviáveis na segunda feira, entre as atividades trabalhamos com a exibição de filmes, realização de palestras, caminhadas filosóficas e os lanches, essas atividades não são meros exercícios ou uma prática de fugir das atividades, elas são parte importante de nossa proposta. Ora, se o sujeito é também constituído por aquilo que ouve e vê, o filme, a música, a palestra e a caminhada passa a ser mais um instrumento da extensão universitária, as propostas de filmes buscam dialogar com a vida, falam de temas inerentes ao cotidiano, mas ressaltam, sobretudo a mudança, de valores, de concepções de mundo. Eles são exibidos como ilustrações, eles revelam a beleza da vida e de sua possibilidade de construção.

A metodologia utilizada no projeto busca valorizar os discursos que podem contribuir para a formação do sujeito, levando-os a vivenciá-los. Os discursos atravessam o sujeito, lhe dão forma. Entendemos, pois que “Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos, que dessa forma, se posicionam a si próprios.” (Woodward, 2009), ou seja, mais que levar esse discurso da formação do sujeito para a sala de aula, necessitamos estimular a vivência dos valores éticos, que constroem positivamente o ser humano.

O que é o sujeito? Quais os elementos constitutivos de sua existência? Que caminhos seguir para a felicidade? Questões como essas são alma e direcionam as atividades propostas por esse projeto.

Muitos são os caminhos que os jovens veem tomando como direcionamento de suas vida caminhos que podem contribuir para sua formação subjetiva como pessoa, ou podem contribuir para a sua destruição, e nesse caso a destruição pode ser subjetiva, moral ou física. A violência, as drogas, as manifestações de intolerância entraram no cotidiano escolar desde

muito tempo, todavia, hoje assistimos a uma banalização absurda desses fenômenos, basta que liguemos a televisão durante o telejornal e veremos que a violência não é só manifestada de forma verbal ou simbólica, ela é física, portanto marca, cria feridas incuráveis na vida da sociedade. A mesma coisa vê com as drogas e as manifestações de intolerância nunca se banalizaram tanto o uso do crack, da maconha, nunca se assistiu tantas manifestações de homofobia. Nesse contexto o jovem se vê entre uma encruzilhada de caminhos, muitas vezes de forma vulnerável diante as opções que lhes são oferecidas.

Na contemporaneidade a escola ainda se configura em lugar de certa segurança social, tendo em vista toda a sua lógica ela é muitas vezes vista com uma ponte de apoio na sociedade. Segundo Schilling (2004, p. 74) a escola é um lugar protegido da violência social. Por violência social entendemos todas as formas de ações, discursos, práticas que venham a criar efeitos nocivos ao sujeito. A escola nesse sentido deve ser pensada não só como uma instituição de produção e reprodução de conhecimento, ela deve criar no sujeito a vivência de valores que venham a suprir suas necessidades sociais e criar uma cultura onde a vida seja contemplada a partir de novos caminhos, construtores do ser.

Partimos do pressuposto que o sujeito não é um dado pronto, não possui uma essência imutável, portanto está aberto a uma formação constante de si, sua existência é um construir-se, então, trabalhamos com o jovem como um ser que pode mudar, pode transformar as suas perspectivas de vida, ele se forma a partir de encontros, daquilo que Deleuze (1978) inspirado em suas leituras de Spinoza chamou de *afecções*, ou seja um encontro, encontro que age com o ser que o recolhe, agindo sobre ele, para Deleuze nossa vida é formada a partir de encontros, quebrando a idéia de mesmidade do sujeito. Esses encontros passam então a constituir o sujeito, alterando-o, modificando-o e produzindo efeitos, portanto, privilegamos esse ponto, o sujeito é um formar-se e assim vamos no decorrer das atividades proporcionando aos jovens bons encontros.

Construir o sujeito é criar possibilidades para que eles entendam que a sua felicidade é um artesanato, cuidadosamente preparado pelo individuo, que vai ganhando forma nas mãos do artesão, tal qual o caminho, que começa com o primeiro passo e vão percorrendo uma trajetória existencial, os caminhos de construção se prefiguram em nossas vidas como fazer, como construir. Nesse sentido buscamos refletir sobre a criatividade em pensar em novos caminhos de construção, caminhos que divergem daqueles que destroem o sujeito, danificando-o moralmente e materialmente.

Todas essas problemáticas funcionam como mobilizadores desse projeto, ambos partem da idéia de que estamos realizando “micro ações”, agindo nos “micro espaços”, mas

realizando uma atividade que se mostra muito significativa, tendo em vista que, a mudança não deve ser pensada no plano da esfera global, e sim das pequenas coisas, das pequenas possibilidades. As atividades realizadas em Seridó – PB, de maneira alguma extingue nosso compromisso social, elas só fortalecem as relações e os estreitamentos de laços entre a universidade no caso a – Universidade Estadual da Paraíba – e a sociedade, mostrando que a academia não se limita mais no discurso e começa a adentrar nas zonas de conflito, onde o jovem vive uma realidade diferente dos muros acadêmicos.

O jovem é um sujeito que está exposto às indecisões da vida, ele se encontra num território de conflito, por isso deve ser cuidado de forma diferenciada, especial, numa atividade constante de intervenção em seus caminhos. O jovem é uma síntese de elementos subjetivos, são particularidades que atravessam a sua composição, portanto nossa proposta é de limitar em suas vidas, as afecções negativas e proporcionar outros encontros, que venham a contribuir para a construção de valores éticos que possibilitem uma vida digna em sociedade.

Nosso projeto e suas aplicações são uma parte importante de um trabalho que merece maior amplitude, tendo em vista que vários outros ainda precisam ser atendidos, tendo a oportunidade de participar de algumas discussões que muitas vezes não são contempladas na sala de aula, com a educação básica.

Em nossas atividades os jovens, aos poucos, vão introjectando valores éticos e subjetivos, que passam a fazer parte de seu cotidiano, de suas relações familiares, afetivas ou sociais, essa atividade vai contribuindo para a construção de uma nova consciência de si, dessa forma vemos um aspecto social da moral se manifestando e, mesmo ao nascer, o homem já se defronta com um conjunto de regras, normas e valores aceitos em seu grupo social, porém os modifica-os, interpreta-os de acordo com a sua formação.

A ética não se reduz apenas a seu aspecto social, pois à medida que desenvolvemos nossa reflexão crítica passamos a questionar os valores herdados, para então decidir se aceitamos ou não às normas. A decisão de acatar uma determinada norma é sempre fruto de uma reflexão pessoal consciente, que pode ser chamada de interiorização. É essa interiorização das normas que qualifica um ato como sendo moral. Interiorização que vai formando o sujeito, criando novas redes de subjetivação, novas acepções de mundo e de vida em sociedade, levando o jovem a diferenciar os caminhos propostos pela vida, e os possíveis de criação. Dessa forma, o jovem interpreta os valores, recria aquilo que ele encontra e problematiza a si mesmo e ao mundo.

A operacionalização de nossa proposta está intimamente ligada aos requisitos da Extensão Universitária, que e estreitar os laços entre a Academia e a comunidade. Nosso

projeto faz essa mediação a partir de inúmeros mecanismos, como por exemplo a leitura, que desperta no jovem o gosto pela novidade, por novas estéticas de existência, ao mesmo tempo em que o motiva a escrever a sua própria história, desenhando para si mesmo novas linhas de composição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Função-educador: em busca de uma noção intercessora a favor de experiências de subjetividades ativas. In; RESENDE, Haroldo de. (org.). *Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (pp, 25-34).

DELEUZE, Gilles. *Spinoza*. Aula de 24/01/1978. (Sem data de publicação).

DOEL, Marcus. Corpo sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. (Coleção Estudos Culturais) (pp, 78-110).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade* (Vol. III: A vontade de saber). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LARROSA, Jorge. A Libertação da Liberdade. In: BRANCO, Guilherme Castelo & PORTOCARRERO, Vera. *Retratos de Foucault*. – Rio de Janeiro: Nau, 2000.

SCHILLING, Flávia. *A sociedade da insegurança e a violência na escola*. – São Paulo: Moderna, 2004.

WOODWARD, kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In; SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.